

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO
WILSON DE SOUZA RODRIGUES**

**ÉTICA ACADÊMICA NA VISÃO DE ALUNOS DO CURSO DE GESTÃO DA
INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CURITIBA
2009**

WILSON DE SOUZA RODRIGUES

**ÉTICA ACADÊMICA NA VISÃO DE ALUNOS DO CURSO DE GESTÃO DA
INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa em
Informação II, do Curso de Gestão da Informação
do Setor de Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Breda

**CURITIBA
2009**

RESUMO

Estuda aspectos da ética acadêmica na visão discente. Analisa a perspectiva ética de estudantes do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem como intuito levantar a percepção de elementos considerados antiéticos no meio acadêmico e instigar a reflexão discente sobre os seus comportamentos cotidianos. Aborda, por meio de um referencial seletivo, os conceitos da ética, inserindo-os em diferentes contextos considerados importantes na vida dos estudantes. Em campo, processa observação participante na sala de aula do pesquisador e aplica, para alunos do primeiro e do último anos do Curso, um questionário voltado a opiniões e atitudes éticas. Apresenta quadro com elementos descritivos do comportamento diário observado em sala, fruto da observação. Ressalta, dentre os resultados obtidos, a diferença entre o discurso e a prática, tanto dos alunos ingressantes quanto dos graduandos. Levanta algumas hipóteses, com o auxílio da literatura pesquisada, sobre o porquê de determinados resultados. Destaca que o ensino da ética deve ter como objetivo formar cidadãos que respeitem a sociedade como um todo, indica que a instituição de ensino deve debater abertamente esse tema e, com apoio discente dos ingressantes no Curso, defende o ensino da ética como obrigatório no curso em questão. Sugere, para trabalhos futuros, uma pesquisa voltada a todo o corpo discente da UFPR.

Palavras-chave: Ética acadêmica. Ética discente. Cola. Plágio.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - OPINIÃO DE ESTUDANTES DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UFPR SOBRE A COLA, 2009	30
GRÁFICO 2 - OPINIÃO DE ESTUDANTES DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UFPR SOBRE O PLÁGIO, 2009	30
GRÁFICO 3 – SOLICITAÇÃO DA INCLUSÃO DE NOMES EM TRABALHOS	31
GRÁFICO 4 - RECEBIMENTO DE PEDIDO DE COLA.....	32
GRÁFICO 5 - PEDIDO DE INSERÇÃO DE NOME EM TRABALHO.....	33
GRÁFICO 6 - PEDIDO DE COLA.....	33
GRÁFICO 7 – INCLUSÃO DE NOME EM TRABALHOS DE OUTREM.....	34
GRÁFICO 8 - CIÊNCIA DO USO DE PLÁGIO	35
GRÁFICO 9 - USO DE PLÁGIO	35
GRÁFICO 10 - EXPRESSÕES DA ÉTICA DO ESTUDANTE	36
GRÁFICO 11 - CONSCIÊNCIA DE ATOS ANTIÉTICOS	37
GRÁFICO 12 - COMPORTAMENTO ANTIÉTICO X VIDA PROFISSIONAL	37
GRÁFICO 13 - DISCIPLINA OBRIGATÓRIA DE ÉTICA.....	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO AO PROBLEMA	5
2 JUSTIFICATIVA	7
3 OBJETIVOS	8
3.1 OBJETIVO GERAL.....	8
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4 LITERATURA PERTINENTE	9
4.1 CONCEITOS DE ÉTICA.....	9
4.2 ÉTICA E EDUCAÇÃO	12
4.2.1 Ética e Universidade.....	13
4.2.2 Ética discente	16
4.3 ÉTICA PROFISSIONAL E TRABALHO	17
4.4 ÉTICA DA INFORMAÇÃO	20
4.5 A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES.....	21
5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	25
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	27
6.1 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	27
6.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	46

1 INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

Assunto sempre atual, a ética deve ser debatida constantemente em todos os segmentos da sociedade. Nas universidades, cujo principal objetivo é formar cidadãos com pensamento crítico e humanístico, a discussão desse tema precisa ser introduzida com maior vigor.

É fundamental que a ética seja reconhecida em todos os níveis da sociedade, pois somente sabendo-se julgar as atitudes tomadas, por meio de conceitos como certo e errado, os cidadãos poderão exercer seu livre arbítrio e escolher melhor seus caminhos, cientes de seus atos.

Para melhor refletir sobre o papel da ética na academia, este estudo volta-se a aspectos relacionados à postura ética de estudantes do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná, sob a ótica da conduta desses discentes ao longo de sua formação universitária.

Nalini (2006) conceitua a ética como a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Dessa forma, pode-se entender a ética acadêmica como o conjunto de regras que normaliza as relações e condutas dos membros da instituição e de todos aqueles envolvidos no processo ensino-pesquisa-aprendizagem.

As Instituições de Ensino Superior enfrentam um grande desafio no sentido de manter a ética acadêmica, que, dentre as várias questões envolvidas no contexto do ensino, compreende a confiabilidade dos trabalhos produzidos pelos estudantes, a falta de respeito dos alunos para com os professores e as diversas formas encontradas pelos discentes de trapacear. Nesse contexto destacam-se situações de cola, plágio, compra de trabalhos prontos, nomes colocados em trabalhos de outrem sem que tenham efetivamente participado da elaboração destes, respostas ou assinaturas em chamada por alunos ausentes, atendimento a telefones em sala de aula e envio de torpedos via SMS.

O ensino superior vem passando por mudanças e a principal delas está na interação com os seus estudantes. Percebe-se que, com o advento da internet e os constantes avanços nas tecnologias de informação e comunicação (TICs), a produção e a disseminação da informação e do conhecimento foi facilitada, gerando um novo problema, dos tempos atuais e da moderna tecnologia: não é possível controlar o que está disponível na rede. Sendo assim, alguns estudantes utilizam-se

desta falta de controle para lançarem mão do famoso “copiar e colar” e deixam de interagir de forma crítica com essa ferramenta e com o conhecimento adquirido durante o decorrer de seu aprendizado para produzirem os seus próprios textos, seja para uma disciplina da grade acadêmica ou para os seus trabalhos mais específicos, como os trabalhos de conclusão de curso (TCC).

A utilização desses artifícios já acontecia antes do advento da internet, mas com ela as oportunidades de se apropriar de trechos e até de obras inteiras foi facilitado. Isso sem contar que é possível verificar inclusive a formação de uma indústria especializada na confecção de trabalhos para aqueles que não querem ter o desgaste de descobrir o seu próprio método de pesquisa.

Entretanto, a cópia de documentos, sem que estes sejam devidamente citados, não é o único problema a ser enfrentado pelas instituições de ensino. Podem-se observar, também, aqueles alunos que colocam os seus nomes ou de seus companheiros em trabalhos sem que efetivamente tenham contribuído com algo, as diversas maneiras de trapacear nas provas (colas) e a falta de respeito em relação aos professores.

É crescente, nas universidades, a preocupação dos professores com esses tipos de atitudes e com a definição da maneira correta de agir quando algum aluno resolve trilhar caminhos “escusos”.

Hoje há um grande debate em relação ao comportamento indesejado dos estudantes. A sociedade e as instituições de ensino precisam se organizar para, de alguma forma, conscientizar os estudantes sobre a importância da produção do conhecimento e a sua responsabilidade para com a sociedade, que cria expectativas quanto à inserção destes no mercado de trabalho.

Assim, pretende-se investigar como o estudante ingressante e o graduando do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná percebem a ética em seus comportamentos escolares cotidianos.

2 JUSTIFICATIVA

Devido ao aumento do número de estudantes que se formam todos os anos nas diversas áreas, faz-se necessário que estes atentem para o fato de que estão sendo formados como cidadãos devidamente habilitados para enfrentarem o mundo.

Disseminar a prática da ética e a integridade acadêmica entre os estudantes ajudará a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem a compreender a real importância de se formar cidadãos capazes de produzir conhecimento de qualidade e comprometidos com a sociedade em geral.

É dever das universidades constituírem cidadãos que tenham a capacidade de pensar e agir criticamente e, para isso, precisam incentivar os seus estudantes a atuarem de forma correta. Portanto, a ética, em todos os seus aspectos, deve ser abordada de forma transparente.

As gerações atuais têm a tarefa de estudar e pesquisar para a produção científica e criar modelos específicos para a solução de problemas regionais. Por isso, assimilar conhecimentos metodológicos, pesquisar para produzir conhecimento útil à sociedade e escrever para revelar os seus achados de forma clara, devem ser práticas desenvolvidas pelos estudantes. As universidades têm a obrigação de estimular seus alunos a contribuir com a divulgação do conhecimento sem lançarem mão, de forma fraudulenta, de trabalhos produzidos por outrem. Ao utilizarem alguma parte de qualquer trabalho que não sejam seus, os estudantes precisam ser orientados a identificar as fontes utilizadas.

É papel das instituições de ensino superior informar aos seus alunos que um de seus pilares está calcado na formação de recursos humanos capacitados para contribuir, de modo efetivo, no processo de desenvolvimento do País e que, para tanto, é indispensável um comportamento ético, não somente no que diz respeito às instituições, mas também para com eles mesmos.

Por conseguinte, é importante alertar, principalmente ao estudante que trabalha a informação, nesse caso o futuro Gestor da Informação, que qualquer atitude antiética na construção e ao longo de sua carreira poderá acarretar danos à sua vida pessoal ou profissional.

3 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho compreendem um objetivo geral e quatro objetivos específicos.

3.1 OBJETIVO GERAL

Constitui o objetivo geral deste estudo identificar elementos da concepção e da práxis ética dos discentes, no contexto do Curso de Gestão da Informação da UFPR, de modo a instigar a reflexão sobre a questão.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Constituem objetivos específicos do estudo:

- a) identificar formas comuns de desvios éticos dos discentes de primeiro e quarto anos da Universidade Federal do Paraná;
- b) ilustrar a práxis ética sob a ótica acadêmica dos estudantes de primeiro e quarto anos do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná;
- c) reconhecer a percepção de ética acadêmica desses estudantes quanto à cola, ao plágio e à postura em sala;
- d) reconhecer as possíveis disparidades existentes entre o discurso e a prática no que se refere à cola, ao plágio e à postura em sala.

4 LITERATURA PERTINENTE

Este capítulo consiste em um referencial seletivo sobre a temática desta pesquisa. A definição de ética acadêmica encontra-se dispersa na produção científica de diversas áreas do conhecimento.

É interessante observar que, na produção científica nacional relacionada à ética acadêmica, ao contrário do que ocorre, por exemplo, na produção norte-americana consultada, elementos como cola, plágio, compra de trabalhos, uso de telefones e internet, escapam à abordagem.

Os textos geralmente tratam da questão ética acadêmica somente em sentido amplo, teórico, sem articulação com a práxis com os atores envolvidos.

Neste trabalho, optou-se por abordar a questão ética relacionada à educação e suas conexões com o mundo do trabalho, particularmente no contexto da informação.

4.1 CONCEITOS DE ÉTICA

Palavra derivada do vocábulo grego “ethos”, ética significa costume, maneira habitual de agir, índole. Sendo assim, a ética pode ser entendida como ciência voltada para o estudo filosófico da ação do comportamento humano, considerada em concordância ou não com a reta razão (ARRUDA, 2001).

Para Targino (2006, p. 135)

a ética (do grego ethos, costume), como a etimologia sugere, é a parte da filosofia que se ocupa da reflexão sobre os costumes, englobando diretrizes e parâmetros destinados a apreciar a emissão de juízos de valor diante da prática do bem e do mal.

Nalini (2006) concorda com Vázquez (1998) quando conceitua a ética como sendo a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade.

A sociedade, de maneira geral, devido aos escândalos ocorridos na esfera pública, clama por uma ética há muito conhecida, porém pouco utilizada. Percebe-se que embora os cidadãos manifestem a sua indignação pela falta de ética em determinados seguimentos, principalmente no que se refere ao comportamento dos

governantes e, em muitos casos, da elite desse país, esquecem-se de observar o comportamento ético de seus próprios familiares ou de si mesmos.

A ética deve ser discutida de forma aberta e natural. É importante que se deixe de lado a ética moralista, pois segundo Weil (1998, p. 18) “o moralismo tem uma tendência absolutista e intolerante, pois se baseia em dogmas. [...] é também estático e rígido. Ele não evolui e não se adapta às situações peculiares”.

Weil (1998, p. 18) argumenta que “o moralismo é um sistema fechado que deixa pouca margem a novas considerações. Sua aplicação é mecânica e automática, automatismo este que vem do condicionamento que leva ao cumprimento cego do dever e da obrigação”.

Freire (2003, p. 17) reforça essa idéia quando diz:

não é possível ao sujeito ético viver sem estar permanentemente exposto à transgressão da ética. Uma de nossas brigas na história, por isso mesmo, é exatamente esta: fazer tudo o que possamos em favor da eticidade, sem cair no moralismo hipócrita, ao gosto reconhecidamente farisaico. Mas, faz parte desta luta pela eticidade, recusar com segurança, as críticas que vêm na defesa da ética, precisamente a expressão daquele moralismo criticado.

Conceituar ética nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que ética e moral se confundem. Como ilustra Vázquez (1998, p. 12):

assim como os problemas teóricos morais não se identificam com os problemas práticos, embora estejam estritamente relacionados, também não se podem confundir a ética e a moral. A ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda a moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais.

Valls (1994, p. 7) salienta que a ética

é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.

Dessa forma, pode-se inferir que a ética está intimamente ligada às relações do indivíduo para com a sociedade que o cerca, sendo a responsável, por meio de normas, de manter a ordem e a boa convivência no âmbito coletivo.

O conceito de ética vem sendo discutido ao longo dos tempos por inúmeros pensadores e estudiosos do assunto, e para melhor ilustração Sá (2001, p. 16) esclarece sobre os dois aspectos sob os quais ela tem sido aceita por esses estudiosos:

1º como ciência que estuda a conduta dos seres humanos, analisando os meios que devem ser empregados para a que a referida conduta se reverta sempre em favor do homem. Nesse aspecto o homem torna-se o centro da observação, em consonância com o meio que lhe envolve. Cuida das formas ideais da ação humana e busca a essência do Ser, procurando conexões entre o material e o espiritual. 2º como ciência que busca os modelos da conduta conveniente, objetiva, dos seres humanos. A correlação, nesse aspecto, é objetiva, entre o homem e o seu ambiente. Os modelos, como valores, passam a guiar a estrutura normativa.

Diante do exposto, Sá (2001, p.16) acrescenta que

tais critérios de entender, possuem posicionamentos distintos em seus desenvolvimentos, embora possam parecer semelhantes. O primeiro situa-se no campo do ideal e o segundo no das forças que determinam a conduta, ou seja, das causas que levam ao ato comportamental do ser. Um estuda a essência ou natureza e, outro, os motivos ou relações que influem sobre a conduta.

Portanto, percebe-se que a ética tem como objetivo o estudo do homem e as suas interações com o meio em que vive, sempre procurando equilibrar as ações humanas para que estas se mantenham numa posição intermediária, de forma a beneficiar cada indivíduo na sociedade e afastar os riscos de que alguém possa ser prejudicado. Lupasco apud Weil (1998, p. 60) reforça essa idéia quando define a ética como sendo “um comportamento ao mesmo tempo físico, biológico e psicológico do homem na sua luta com os fenômenos internos e externos, do sujeito e do objeto, do inconsciente e da consciência”.

A ética está embasada na intencionalidade da ação, na integridade do ser humano frente aos seus semelhantes. É o elemento responsável por fazer com que o homem seja capaz de distinguir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado e dessa forma responsabilizá-lo por seus atos. Se podemos responsabilizar somente o sujeito que escolhe, decide e age conscientemente, é evidente que devemos eximir

da responsabilidade moral quem não tem consciência daquilo que faz, isto é, a quem ignora as circunstâncias, a natureza ou as consequências da sua ação. A ignorância neste amplo sentido se apresenta, portanto, como uma condição que exime a responsabilidade moral (VÁZQUÉZ, 1998).

4.2 ÉTICA E EDUCAÇÃO

Falar sobre ética e educação é uma tarefa nada fácil, uma vez que educação envolve diversos contextos a trabalhar de forma harmoniosa para que se alcance uma educação de qualidade.

Para Weil (1998, p. 81) “todo mundo tem que ser educador, e o é na hora de se comunicar. Educação não pode ser mais o privilégio de pedagogos ou de pais”.

As relações da ética com a educação apresentam dois aspectos diferentes, mas complementares: há de um lado a questão dos valores éticos na educação e, do outro, o da educação para a ética (WEIL, 1998, p. 81).

Em uma sociedade onde os valores são percebidos de diferentes maneiras nas diversas classes sociais, quando esses valores são colocados frente a frente, as instituições de ensino convertem-se em terreno comum, o que resulta muitas vezes em conflitos. Essa percepção é reforçada por Sá (2001, p.50), cujo pensamento é de que

vivemos em uma época em que proliferam veículos de má qualidade e, sob o pretexto de liberdade, é praticada uma corrosão moral educacional, tudo com a complacência de muitos pais, professores e especialmente do poder público (que, no caso, entendo, pratica uma falsa democracia, sendo o grande responsável pelos defeitos educacionais decorrentes).

Dessa forma, vale ressaltar que a importância da educação deve ser revelada primeiramente no seio familiar, mostrando a necessidade de ser honesto e cobrando resultados nas funções de cada um. É necessário que os valores éticos extrapolem o discurso e sejam efetivamente praticados, pois somente dessa maneira, a formação do cidadão poderá ser considerada de boa qualidade. Assim, as palavras de Weil (1988, p. 81) vêm ao encontro do que foi dito acima quando descreve: “se o

educador for um exemplo de valores e atitudes éticas ditando o seu comportamento efetivo com seus alunos, ele já estará contribuindo para um despertar ético deles”.

Freire (2003, p. 17) compactua da mesma idéia quando afirma que

é não só interessante mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros.

A partir dessa idéia será possível interagir de modo positivo com as pessoas e o ambiente ao redor e exigir de quem se comporta de modo diferente que mude de atitude. Essa premissa também é verdadeira no ambiente acadêmico. Nele, além da educação, deve haver um rígido controle do comportamento dos estudantes.

A esse respeito, Sá (2001, p. 52) ensina que

não basta educar, sendo necessário controlar o educando para observar se ele cumpre corretamente o que lhe foi ministrado e aplicando os corretivos racionais e humanos.

Weil (1998, p. 81) enfatiza que

um mestre, um professor, um instrutor, um mentor, se querem realmente transmitir para os seus alunos algo essencial, precisam antes de tudo cultivar o desprendimento, a generosidade, o altruísmo, em suma as qualidades ligadas ao coração e ao amor. A alegria de ensinar e transmitir princípios de vida ou mesmo conhecimentos, de ver crescer o aprendiz graças ao exemplo e ao esforço são as maiores recompensas que o educador pode esperar.

O ensino deve ser capaz de mostrar ao educando a habilidade de distinguir o que é mais conveniente para a sua vida futura, seja como cidadão, estudante ou profissional de determinada área.

4.2.1 Ética e Universidade

A Universidade tem como meta formar cidadãos pensantes, que tenham senso crítico e sejam capazes de respeitar as normas para uma boa convivência, para Freire (2003, p. 29) “pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e

mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’”. Portanto, é essencial que durante a educação desses cidadãos, estejam presentes em seus ensinamentos os valores éticos, tornando esses cidadãos cientes de suas responsabilidades perante a sociedade em que vivem.

Analisando a grade curricular dos 48 cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná, constatou-se que somente em 12 deles a disciplina de Ética é obrigatória, o que pode denotar uma falta de preocupação na formação dos indivíduos ali presentes.

Segundo Wanderley (2006, p.62),

se a universidade tem por missão formar homens de cultura, profissionais e técnicos com competência, visão crítica e perspectiva humanística, a ética envolve toda essa concepção. Nas comunidades acadêmicas, todas as relações entre os membros dos diferentes segmentos – docentes, discentes e funcionários – exigem uma base ética. Todas as instâncias acadêmicas e administrativas devem ser efetivamente democráticas e orientadas pela ética.

Sendo assim, a partir desse pensamento, é importante que em todos os seguimentos dentro das universidades a ética esteja presente, quer nas atitudes de sua comunidade, quer em sua grade curricular, como disciplina obrigatória ministrada aos seus alunos.

Debater constantemente sobre questões éticas e morais se torna relevante na formação dos discentes, pois na academia, muitas vezes esses estudantes se deparam com normas sem saber a maneira correta de lidar com elas e, conseqüentemente, cometem delitos sem ter a plena consciência se estão fazendo o certo ou o errado, não apenas na hora de dar crédito aos autores consultados para o desenvolvimento de seus trabalhos, mas em todas as suas relações com o universo acadêmico.

No entendimento de Vázquez (1998, p. 148)

o comportamento moral é um comportamento obrigatório e devido; isto é, o agente é obrigado a comportar-se de acordo com uma regra ou norma de ação e a excluir ou evitar os atos proibidos por ela. Por conseguinte, a obrigatoriedade moral impõe deveres ao sujeito. Toda norma funda um saber.

Conforme argumenta Moraes (2004. p. 92),

imprescindível se faz o debate sobre a questão moral (e jurídica) existente no ato de citar, mencionar, dar o crédito ao verdadeiro autor. Memorizar todas as minúcias formais impostas pela ABNT é uma tarefa que exige constante atualização. As normas mudam. Porém, sua essência continua sempre a mesma.

Dados preocupantes para as instituições sérias de ensino atualmente são: o crescimento desenfreado de instituições de ensino superior que não oferecem aos seus estudantes uma formação de qualidade, pois somente visam lucro; professores, sem tempo para corrigirem de forma criteriosa os trabalhos que lhes são apresentados e pressionados por essas mesmas instituições a aprovarem os seus alunos de qualquer maneira, assim como grupos que vendem trabalhos acadêmicos prontos “facilitando” a vida dos estudantes sem princípios éticos.

A esse respeito Moraes (2004, p. 92) relata que “ao lado do corpo docente e discente, vem surgindo, nas universidades brasileiras, um novo e perigoso grupo, que denominamos de ‘corpo indecente’, formado por professores e alunos plagiários”.

Além disso, as instituições reguladoras, que seriam responsáveis por exercer um controle rígido, alegam que não têm pessoal suficiente para exercer tal função, o que facilita ainda mais a desonestidade dessas instituições de ensino e daqueles que acreditam na impunidade.

Para reforçar a idéia acima Dias (2005) em matéria publicada pelo Jornal da Ciência (SPBC) reproduz as palavras do então Ministro Tarso Genro de que:

[...] é preciso buscar a construção de um sistema de educação superior que compatibilize a qualidade acadêmica com o compromisso social que resgataria a tradição das Universidades na América Latina e sepultaria de vez a visão de que o ensino é mercadoria, estimulada originariamente no regime militar.

Ainda, segundo Genro, “para combater esses desvios da iniciativa privada, a proposta torna o governo um participante do processo regulatório”.

Para o autor, os órgãos fiscalizadores são ineficientes e o trabalho das agências reguladoras é caracterizado como “fiasco”.

Com o objetivo de comprovar o crescimento desordenado das instituições de ensino superior, o artigo apresenta os seguintes dados: “entre 1994 e 2003, as

instituições privadas de ensino cresceram de 74,4% para 88,9%. Uma expansão rápida e monumental. Paralelamente, a rede pública minguou. De 25,6% em 1994 foram reduzidas a 11,1% em 2003”.

Os dados fornecidos pelo Ministério da Educação mostram que as instituições privadas têm um peso de 75% no conjunto das instituições de ensino superior da América Latina.

O ex-ministro Tarso Genro expressou a sua preocupação com a questão quando disse que “o sistema de educação superior brasileiro está fragmentado: banalizou-se o conceito de universidade e expandiram-se as instituições privadas com critérios frouxos de regulação e supervisão”. Com base nessas informações, infere-se que no Brasil a ética deveria estar aliada a uma efetiva fiscalização das instituições de ensino, para que os valores transmitidos na educação possam surtir os efeitos esperados pela sociedade.

4.2.2 Ética discente

A falta de ética entre os estudantes universitários cresce de forma alarmante (BAKER et al., 2008). Plágio e outras formas de trapacear tomam diversas formas, algumas são muito familiares e outras menos comuns. Alguns dos comportamentos mais familiares são: copiar a resposta das provas dos colegas; fazer prova no lugar de outros; responder a chamada ou assinar a lista de presença por outros; não citar os autores dos textos utilizados na produção dos trabalhos solicitados nas disciplinas; e, até, comprar/encomendar trabalhos científicos já prontos de grupos “especializados” na produção e venda desse tipo de produto a estudantes inescrupulosos.

Alguns métodos menos familiares de desonestidade incluem: “construção” de citações e outros materiais escritos ou orais com fontes “fabricadas”; e obtenção cópias antecipadas de provas com a ajuda de cúmplices.

Outras condutas impróprias se assemelham a atividades criminais tais como: invadir a sala do professor para acessar de forma ilícita as respostas das provas e obter acesso ilegal ao banco de dados da instituição de ensino com o intuito de alterar a média oficial das notas registradas.

É fundamental a implementação de um código de ética, onde esteja descrito que cada aluno obtenha seu grau baseado exclusivamente na avaliação de seu esforço e trabalho pessoal e, conseqüentemente, qualquer forma de conversa em exames, ou plágio em trabalhos, constitui-se fraude intolerável e desonestidade, que são comportamentos inaceitáveis em uma Universidade (OLIVEIRA, 2005).

Isto posto, torna-se indispensável aos estudantes da educação superior, principalmente os graduandos em Gestão da Informação, colocar em prática os valores éticos apreendidos durante o seu processo de formação. Conforme ilustra Bufrem et al. (2008, p. 226)

a ética impõe-se, pois, como presença inegociável na educação superior, ante-sala do exercício profissional. Particularmente no campo da ciência da informação, dada a natureza de seu objeto de estudo e trabalho, a ética permeia todos os poros do acesso, “posse” e uso da informação como bem essencial à sobrevivência na sociedade contemporânea, direito de todos, condição de cidadania – seja na seara acadêmica, seja no tempo/espaço da atuação laboral. No contexto de uma sociedade “globalizada”, a ética merece especial atenção na interpretação de seus contornos e movimentos.

Com base nessas prerrogativas, o futuro gestor da informação deverá construir sua carreira trilhando caminhos calcados na honestidade e, dessa forma, mostrar para a sociedade, que carece de informações confiáveis, a real importância desse profissional.

4.3 ÉTICA PROFISSIONAL E TRABALHO

É preciso que o dever moral e ético esteja presente em todas as instituições, principalmente no que diz respeito às relações de trabalho, uma vez que o ser humano, por ser um animal social, depende da interação com outros de sua espécie e, para tanto, o respeito mútuo é condição para uma convivência harmoniosa.

A ética é condição *sine qua non* para qualquer classe profissional, porque na ação humana “o fazer” e “o agir” estão conectados. O fazer diz respeito à competência, à eficiência que todo profissional deve ter para exercer sua profissão de maneira correta. O agir se refere à conduta do profissional, ao conjunto de atitudes que deve assumir no desempenho de sua profissão, ou seja, ético é todo profissional que tem como meta sentir-se íntegro e pleno da alegria de viver,

convicto de que todos os demais podem se sentir assim também. Cultiva o pensamento cooperativo e respeita os acordos firmados.

Segundo Motta (1984, p. 69)

a ética baseia-se em uma filosofia de valores compatíveis com a natureza e o fim de todo ser humano, por isso, “o agir” da pessoa humana está condicionado a duas premissas consideradas básicas pela Ética: “o que é” o homem e “para que vive”, logo toda capacitação científica ou técnica precisa estar em conexão com os princípios essenciais da Ética.

A ética se relaciona à opção, a aspiração pela vida, mantendo com os outros cidadãos relações justas e aceitáveis, fundamenta-se nas idéias do bem e virtude, enquanto valores perseguidos por todo ser humano e cujo alcance se traduz numa existência plena e feliz. Hoje, mais do que nunca, a atitude dos profissionais em relação às questões éticas pode ser o seu diferencial no mercado.

Segundo Jacomino (2000, p. 28),

hoje, mais do que nunca, a atitude dos profissionais em relação às questões éticas pode ser a diferença entre o seu sucesso e o seu fracasso. Basta um deslize, uma escorregadela, e pronto. A imagem do profissional ganha, no mercado, a mancha vermelha da desconfiança.

O Gestor da Informação é aquele cuja principal atividade é a prestação de serviços, tendo como função buscar, tratar, organizar e disseminar informações e avaliações de diversas naturezas, que objetivem auxiliar o processo de tomada de decisões.

O papel desse profissional na sociedade vem se tornando cada dia mais importante. A Gestão da Informação não se resume apenas em organizar os arquivos das instituições, como muitas pessoas pensam. Ao conhecer profundamente a empresa, esse profissional é capaz de não somente evidenciar o que já aconteceu, mas também dar sua opinião sobre o futuro da empresa, respondendo à pergunta: que caminho seguir agora? Dessa forma, percebe-se que o Gestor da Informação, converte-se em peça fundamental para a sobrevivência das empresas, subsidiando as tomadas de decisões.

Para alcançar esse nível, o profissional deve ter uma formação multi e interdisciplinar para, dessa maneira, conseguir, de forma ética, transitar em várias áreas do conhecimento ao mesmo tempo.

Ao saber de seu valor, poderá valorizar sua profissão e, ao valorizar sua profissão, será capaz de aplicar os princípios éticos, não como uma imposição legal ou organizacional, mas como instrumento fundamental de conduta, condição sem a qual sua existência profissional perde o sentido, mesmo porque, essa profissão ainda não possui uma associação definida.

O Gestor da Informação provará sua importância e relevância para a sociedade, não apenas pela profissão que exerce, mas também pelo exemplo de profissionalismo e de conduta ética e moral. Não consegue ser valorizado, aquele que não se valoriza.

Silva e Speroni (1998, p. 78) afirmam que

a ética profissional tem como premissa maior o relacionamento do profissional com seus clientes e com outros profissionais, levando em conta valores como a dignidade humana, auto-realização e sociabilidade.

Mesmo não tendo definido ainda um código de ética oficial, é dever do Gestor da Informação cumprir os preceitos éticos que regem a convivência do ser humano em sociedade, não admitindo erros que venham a prejudicar seus pares e clientes.

Não é objetivo deste trabalho discutir a relevância de um código de ética para a profissão, mas vale ressaltar que se os códigos de ética são fundamentais para estabelecer a moral da profissão, a sua elaboração, o seu registro e a sua promulgação não garantem observância. Até porque, para se ter conduta ética irrepreensível como profissional, é preciso ter conduta irrepreensível como cidadão. Pois segundo Targino (2006, p. 139) “quem é mau caráter na convivência diária com a família, os amigos, os colegas, os vizinhos, os conhecidos e os desconhecidos, com certeza o será como profissional, interpretando os códigos de ética conforme interesses próprios.”

Atuar eticamente, entretanto vai muito além de não roubar ou não fraudar. Qualquer decisão ética tem por trás um conjunto de valores fundamentais. Eis alguns dos principais segundo Sá (2001):

- a) Ser honesto é a conduta que obriga ao respeito e à lealdade para com o bem de terceiros. Um profissional comprometido com a ética não se

deixa corromper em nenhum ambiente, ainda que seja obrigado a viver e conviver com ele.

- b) Ter coragem, pois ajuda a reagir às críticas, quando injustas, e a defender dignamente quando está consciente de seu dever. Ajuda a não ter medo de defender a verdade e a justiça, principalmente quando estas forem de real interesse para outrem ou para o bem comum. Ter coragem ainda para tomar decisões, indispensáveis e importantes, para a eficiência do trabalho, sem levar em conta a opinião da maioria.
- c) Ser humilde, só assim o profissional consegue ouvir o que os outros têm a dizer e reconhecer que o sucesso individual é resultado do trabalho da equipe.
- d) Manter o sigilo é a completa reserva quanto a tudo o que se sabe e que lhe é revelado ou o que veio, a saber, por força da execução do trabalho.
- e) Integridade é agir dentro dos seus princípios éticos, seja em momentos de instabilidade financeira, seja na hora de apresentar ótimas soluções.
- f) Tolerância e flexibilidade, um líder deve ouvir as pessoas e avaliar as situações sem preconceitos.

Sendo assim, o Gestor da Informação deverá ter um comportamento ético-profissional inquestionável, saber manter sigilo, ter conduta pessoal, dignidade e honra, competência e serenidade para que forneça ao usuário informações seguras e confiáveis. Esses são fatores condicionantes do seu sucesso.

4.4 ÉTICA DA INFORMAÇÃO

A informação tornou-se um ativo importante nas organizações, dependendo da forma como ela é trabalhada, pode trazer lucros ou prejuízos para quem dela necessita. Portanto, é fundamental para as organizações produzirem informações éticas, pensando primeiramente nos benefícios que estas possam trazer para a sociedade.

A informação está presente em todas as atividades humanas, conseqüentemente é necessária uma reflexão sobre as questões éticas envolvidas em seu ciclo de vida (origem, coleta, organização, armazenagem, recuperação,

interpretação, transmissão, transformação e utilização), evitando sua utilização de maneira inadequada como justificativa aos interesses mercadológicos.

O emprego da ética na informação deve ser objeto da preocupação de todos os envolvidos com o tema (pesquisadores, professores, estudantes e usuários em geral). Na educação a ética deve ser implementada em todas as atividades, inclusive com a inserção de disciplinas curriculares nos âmbitos adequados (MARCIANO, 2006).

A informação passou a ser sinônimo de poder, ou seja, aquele que tem a melhor informação tem em suas mãos a força necessária para conduzir as situações em seu próprio benefício e regular a sociedade.

Como ilustra Dupas (2005, p. 36):

O novo modo de regulação social passou a ser a produção de informação e não de significados comuns compartilhados com a sociedade. O resultado disso é a tendência de manipular os atores sociais pela mobilização imediata com projetos e palavras de ordem e não pela argumentação ou justificação.

Com a modernidade e a diversidade dos meios de comunicação, o ser humano está cada vez mais dependente de informações confiáveis para a tomada de decisões, sendo essas mesmas informações, quando transformadas em conhecimento, responsáveis pelas mudanças em sua maneira de ser e agir fornecendo capacidade de lutar pelos seus direitos de maneira mais ativa. Se o conhecimento aumenta a capacidade de agir e de buscar as causas primeiras de nossas ações, então o indivíduo assegura a condição de evitar o risco de acolher doutrinas, opiniões alheias, modismos, ideais, ou mesmo culturas alheios ao nosso continente ético (CASTRO, 2005).

4.5 A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES

O sucesso econômico passou a ser o evento mais importante na atualidade. Os vencedores e os perdedores estão separados pela riqueza e pelo poder. As pessoas, em sua maioria, dão maior importância ao “ter” e se esquecem que a essência do ser humano está no “ser”, tornando-se, dessa maneira, materialistas e individualistas e, por isso, pouco responsáveis e solidárias.

Aguilar (1996, p. 26) ensina que a instituição ética “é aquela que conquistou o respeito e a confiança de seus empregados, clientes, fornecedores, investidores e outros, estabelecendo um equilíbrio aceitável entre os seus interesses econômicos e os interesses de todas as partes afetadas, quando toma decisões ou empreende ações”.

Muitos, ingenuamente, pensam que distribuir folhetos explicando o código de ética da instituição fará todos seguirem os seus escritos. No entanto, para que o código de ética possa ser seguido, é importante ação. A premissa básica para que isso aconteça é que todos estejam dispostos e comprometidos para que a vida na empresa se torne mais saudável e beneficie a todos. Pode parecer utopia, mas não é. Torna-se necessário que o grupo perceba que cada dia pode ser melhor que outro e assuma que as suas escolhas podem ter consequências, sejam essas escolhas boas ou ruins. É importante também que essas pessoas não responsabilizem os outros pelos seus atos.

Para viver eticamente em qualquer ambiente é preciso primeiro mergulhar dentro de si mesmo, assumir as escolhas e lutar por um mundo melhor. Acreditar que a felicidade é possível, já que esse é o objetivo maior da ética

As organizações têm o dever de agir de maneira ética, sempre. É fundamental que se trate bem os melhores funcionários e fornecedores, as melhores fontes de financiamento, pois somente assim será possível tê-los como parceiros durante longo período de tempo. Os clientes que têm critério, que sabem escolher, dificilmente serão leais a um produto de menor qualidade, ou um serviço que seja pouco eficiente.

A ética está diretamente relacionada com valores morais, como bem e mal, o que é certo ou errado. Portanto, de nada adianta “encher” as paredes com frases de efeito incentivando seus *stakeholders* a seguirem as normas vigentes da instituição, se os seus dirigentes não derem o exemplo. Aguilar (1996, p. 30) corrobora com este pensamento quando diz que “as considerações básicas de um programa ético válido implicam a formulação de políticas e arranjos organizacionais que promovam a preocupação da empresa com os interesses das diferentes partes afetadas por suas operações e proporcionem garantias contra pressões corruptoras dos negócios”.

As instituições têm que atentar para o fato de que agir com ética tanto em seu micro quanto em seu macro ambientes é condição *sine qua non* nos dias atuais, pois de acordo com Nash (1993, p. 4)

são muitas as razões para a recente promoção da ética no pensamento empresarial. Os administradores percebem os altos custos impostos pelos escândalos nas empresas: multas pesadas, quebra da rotina normal, baixo moral dos empregados, aumento da rotatividade, dificuldades de recrutamento, fraude interna e perda de confiança pública na reputação da empresa.

A ética deve permear todas as ações dos cidadãos, tanto na vida profissional como pessoal. Quer dizer, é essencial que se aja de forma honesta, responsável, deve-se proceder sempre o raciocínio comum de que “se não puder ajudar não atrapalhe”, ou seja, ser ético é poder estar sempre com a consciência tranqüila.

As empresas para terem sucesso devem se comprometer somente com aquilo que podem cumprir. Devem também discutir a sua missão, além de seus princípios e valores, para chegar a um consenso que será compartilhado por todos os interessados.

Os responsáveis pela empresa devem agir de forma ética, tanto no ambiente organizacional, quanto no pessoal, procurando sempre andar pelo caminho correto, pois uma vez cometidos deslizes e equívocos, dificilmente terá uma segunda chance.

De acordo com Jacomino (2000, p. 36):

agir eticamente dentro (ou fora) da empresa sempre foi e será uma decisão pessoal. Uma vez que você tenha despertado para o assunto, mais e mais ele tende a ser considerado nas decisões, num processo permanente, sem fim. É claro que sempre estamos sujeitos a deslizes e equívocos. Nunca se esqueça, porém, de que esse costuma ser um caminho sem volta. Para o bem ou para o mal.

O pensamento de Aguilar (1996, p. 90) vai ao encontro do que foi dito acima por Jacomino, quando afirma que, “um elemento fundamental no contexto da administração da ética consiste em prover a empresa, especialmente nos cargos de direção, de pessoas de bom estofo moral”. O autor reforça esse pensamento acrescentando que

a ética, em última análise, depende da propensão moral dos indivíduos que trabalham na empresa. Nenhum programa ético, por mais bem elaborado

que seja, pode ter sucesso se os indivíduos que dele participam não dão nenhum valor a preceitos éticos básicos. Considerando a importância que altos administradores aparentemente atribuem à fibra moral de seus auxiliares, surpreende que tão pouca atenção explícita seja dada a este assunto, mesmo em empresas orgulhosas de seus quadros éticos.

Portanto, as empresas e os seus dirigentes têm o dever de mostrarem, por meio de suas ações, as vantagens de se agir de forma ética, valorizando em cada gesto os princípios morais e éticos.

5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório acerca da ética acadêmica discente.

A primeira fase da pesquisa constituiu-se em um levantamento da literatura sobre ética orientado pelos elementos da ética acadêmica previamente selecionados pelo autor, a partir de sua experiência discente no curso de Gestão da Informação da UFPR.

A construção desse referencial encontrou como barreira a pouca visibilidade sobre o tema na literatura nacional, no que se refere aos comportamentos considerados antiéticos já expostos anteriormente, tema este geralmente abordado sob a ótica específica de outras áreas do conhecimento que não a educação superior.

A segunda fase da pesquisa consistiu em um estudo de campo sobre questões relacionadas ao tema “ética” em um ambiente universitário comprometido com a formação em informação.

O exame da postura ética de alunos do Curso de Gestão da Informação da UFPR, selecionado como campo empírico da pesquisa, visou reunir elementos de análise sobre as práticas e percepções discentes sobre o tema. Compreende a observação participante deste autor e aplicação de questionário a alunos do Curso.

Os instrumentos de recolha de dados (diário de observação e questionário) foram orientados pelo referencial teórico.

A observação do pesquisador constituiu-se no registro sistemático da postura ética dos estudantes em episódios no cotidiano acadêmico e serviu como ponto de partida e referência e para a análise pretendida.

Desde o início do processo desta pesquisa, o autor praticou a observação do cotidiano de ensino em que está inserido, registrando eventos e comportamentos relacionados com a postura acadêmica. Os elementos reunidos foram organizados de modo a integrar objetivamente a composição de um quadrante do cotidiano de ensino nessa graduação, um conjunto de atitudes discentes que se repetem de segunda a sexta-feira, identificadas pelo olhar do observador interessado em situações envolvendo a ética acadêmica. Esse apanhado de situações, revelado no Quadro 1 à p. 27, é constituído de eventos

verdadeiros, testemunhados e anotados pelo pesquisador na sua realidade acadêmica como estudante do último ano do Curso.

O questionário, composto de 19 questões, foi elaborado a partir da definição e seleção de aspectos relacionados à ética acadêmica observados em comportamentos considerados frequentes no cotidiano escolar universitário, que correspondem a suas perguntas centrais. Foram incluídas, ao final, questões sobre a percepção discente quanto à ética e à inclusão de uma disciplina de ética em base obrigatória na grade curricular, com o intuito de conscientizar o estudante e ao mesmo tempo reverter as práticas consideradas antiéticas.

As percepções discentes sobre facetas da práxis ética do futuro profissional da informação foram levantadas junto aos estudantes do primeiro e último anos do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná.

Aplicado o pré-teste e aprovado o instrumento, primeiramente o pesquisador levantou, junto à Coordenação do Curso, o número de estudantes do primeiro e quarto anos, recebendo como informação o total de 75 discentes.

O questionário foi então direcionado aos 50 estudantes do primeiro ano e aos 25 estudantes do último ano do curso de Gestão da Informação da UFPR, diretamente nas respectivas salas de aula. Obteve-se um retorno de 32 questionários respondidos pelos estudantes do primeiro ano, e 16 questionários respondidos pelos estudantes do quarto ano, o que corresponde a 64% de cada população pesquisada.

De posse dos dados, o pesquisador utilizou o aplicativo MS Excel[®] para tabulação dos dados, separando-os pelas variáveis sexo, faixa etária e alunos ingressantes e graduandos.

Os elementos reunidos foram sistematizados de modo a descrever o ambiente estudado, na expectativa de promover uma reflexão pedagógica sobre o tema no contexto da formação em informação.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises do campo empírico.

6.1 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O Quadro 1 corresponde à observação participante do pesquisador, cujo intuito foi o de complementar o questionário. Essa observação foi realizada de forma não estruturada, junto ao grupo dos alunos concluintes, do qual faz parte o autor.

Dias da semana	Situações
segunda-feira	<ul style="list-style-type: none"> – aula começa às 07h e 30min e termina às 09h e 30min, um aluno chega às 09h e assina a lista de presença; – alguns colegas assinam a lista de presença pelos que estão ausentes; – alunos entram e saem da sala de aula, sem levar em conta que atrapalham a concentração do professor e dos colegas; – a aula é no laboratório de informática. Alunos aproveitam a internet para checarem os seus e-mails particulares, ficar de bate papo e acessar os seus recados nas redes sociais; – alunos aproveitam que a aula é no laboratório e fazem o trabalho de outra disciplina.
terça-feira	<ul style="list-style-type: none"> – aluno responde a chamada, mesmo chegando 10 minutos para o encerramento da aula; – aluno responde a chamada em lugar de colega ausente; – conversas paralelas são uma constante, atrapalhando aos professores e àqueles que querem prestar atenção às aulas; – celular toca e aluno atende; – aluno sai no início da aula e só retorna no final.
quarta-feira	<ul style="list-style-type: none"> – prova de determinada matéria, alunos trazem as suas “colas”; – outros aproveitam as “oportunidades” e consultam os colegas; – aluno chega atrasado para a prova e, mesmo alguns alunos já tendo terminado, insiste em fazer a prova; – determinado aluno não participa da elaboração de trabalho acadêmico e solicita a inclusão de seu nome na equipe; – aluno solicita trabalho para colegas que já fizeram determinada disciplina e somente alteram a autoria do trabalho entregando ao professor o mesmo conteúdo.

QUADRO 1 - SITUAÇÕES DO COTIDIANO DOS ESTUDANTES

Continua

FONTE: O Autor (2009)

quinta-feira	<ul style="list-style-type: none"> - professor solicita trabalho para a disciplina e alunos buscam trabalho pronto no Google; - aluno responde a chamada e logo em seguida sai de sala e não retorna mais; - aluno entra e sai de sala mais de uma vez na mesma aula; - aluno utiliza o SMS do celular para se comunicar durante a aula.
sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> - aluno chega para a aula já no final e solicita a lista de chamada para assinar; - aluno pede para ser dispensado da aula para assistir uma palestra, mas vai embora para casa; - aluno usa notebook em sala de aula dizendo que é para fazer anotação da aula, mas fica em bate papos e acessando redes de relacionamento; - aluno usa celular para ficar passando mensagens particulares; - aluno lê outros tipos de livros em sala de aula, que não fazem parte da disciplina, fingindo prestar atenção às aulas; - alunos não esperam o término da aula e vão embora.

QUADRO 1 - SITUAÇÕES DO COTIDIANO DOS ESTUDANTES

Conclusão

FONTE: O Autor (2009)

As atitudes cotidianas listadas no quadro 1 demonstram o grau de descomprometimento dos estudantes em relação ao ensino/aprendizado. Fica evidente que a falta de ética e de respeito, tanto para com seus colegas de sala quanto para com seus professores, são comuns.

Ao observar o comportamento cotidiano dos estudantes, chamou a atenção o fato de que, dentre os alunos que assumiram a prática da cola, esse artifício é utilizado como competição, já que a nota das provas ainda é fator fundamental para a aprovação nas disciplinas e um décimo a mais na nota final confere ao estudante um sentimento de superioridade em relação aos colegas.

Reforçam a idéia acima McCabe e Treviño (1993) quando levantam a hipótese de que a influência do comportamento dos pares pode conduzir à desonestidade acadêmica, não apenas pelo aprendizado por meio da observação, mas também que o comportamento dos pares gera um tipo de suporte normativo para a “trapaça”. O fato de que os outros estão trapaceando, pode sugerir que, nesse clima, os não trapaceadores se sintam em desvantagem, conseqüentemente, a trapaça pode ser percebida como uma maneira aceitável de chegar e se manter na frente.

A observação participante relacionou o uso do plágio pelo aluno à falta de interesse na disciplina lecionada ou até mesmo à preguiça. Ressalta-se que nem sempre fica claro para o estudante o objetivo do trabalho requisitado, nem o que essa atividade trará de benefícios a ele.

Esses comportamentos percebidos pelo pesquisador sugerem ser fundamental a revisão político-pedagógica da instituição de ensino, com a adoção de políticas mais rígidas de controle e com maior abertura para a discussão das diretrizes a serem traçadas no que diz respeito aos direitos e deveres dos alunos.

6.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

O questionário teve como objetivo auxiliar no estudo sobre a ética acadêmica na visão dos alunos do primeiro e quarto anos no âmbito do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná e reuniu aspectos relacionados ao comportamento ético do corpo discente bem como sua opinião sobre algumas práticas empregadas para reduzir o esforço do aluno em seu aprendizado.

Dentre as diversas questões levantadas, os aspectos discutidos abaixo foram considerados de fundamental importância na contribuição para a disseminação de uma ética acadêmica.

No gráfico 1, percebe-se que, quando solicitados a darem as suas opiniões sobre a cola, apesar dos estudantes do primeiro e quarto anos terem mantido o mesmo percentual na alternativa “aprovo totalmente” que foi de 6,3% do total de respondentes, as opiniões contrárias penderam mais para os alunos do quarto ano. O resultado obtido, aliado a observação do pesquisador ao longo de sua trajetória acadêmica já era esperado, uma vez que no último ano do curso os alunos já devem estar mais amadurecidos em suas opiniões sobre a ética.

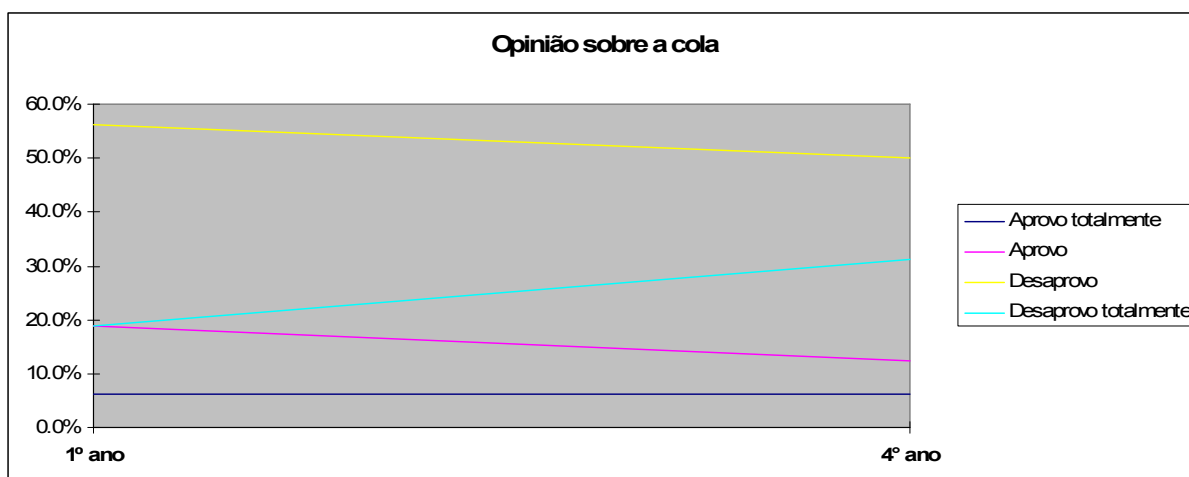


GRÁFICO 1 - OPINIÃO DE ESTUDANTES DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UFPR SOBRE A COLA, 2009

FONTE: O Autor (2009)

A mesma tendência se observa com a opinião sobre o plágio, embora a alternativa “desaprovo” mostre a linha correspondente no sentido descendente, partindo da opinião de 50% dos respondentes do primeiro ano e terminando com 43,8% dos respondentes do quarto ano, a linha relativa à alternativa “desaprovo totalmente” mostra o contrário, uma vez que parte de 37,5% do total de respondentes do primeiro ano para 50% do total de respondentes do quarto ano, apontando mais uma vez que a maturidade é fator fundamental para o crescimento ético do estudante, conforme pode ser visto no gráfico 2.

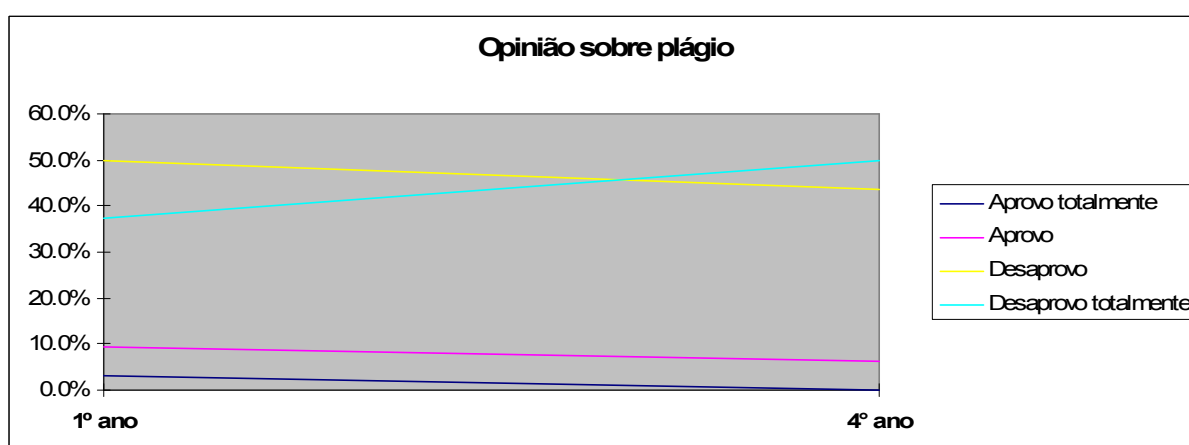


GRÁFICO 2 - OPINIÃO DE ESTUDANTES DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UFPR SOBRE O PLÁGIO, 2009

FONTE: O Autor (2009)

Outra questão considerada preocupante em relação à ética acadêmica é a inclusão de nomes de alunos em trabalhos sem que eles tenham realmente participado da sua elaboração. Quando solicitados a dar suas opiniões sobre essa prática, apesar de 46,9% dos estudantes de primeiro ano terem marcado a opção “desaprovo” contra 37,5% dos estudantes de quarto ano, nota-se que a tendência a esse tipo de prática, quando comparada a evolução dos alunos, é diminuir ao longo dos anos. Para tanto, basta observar as alternativas “desaprovo totalmente” e “aprovo” que entre os estudantes de primeiro ano é de 28,1% e 25,0%, respectivamente, e entre os estudantes de quarto ano é de 43,8% e 18,8%, respectivamente, conforme ilustra gráfico 3.

Embora se perceba que a tendência no que se refere ao uso deste expediente seja de redução, este continua a ser uma prática constante entre os alunos, por isso é necessário a conscientização dos estudantes por meio de debates abertos a esse respeito.

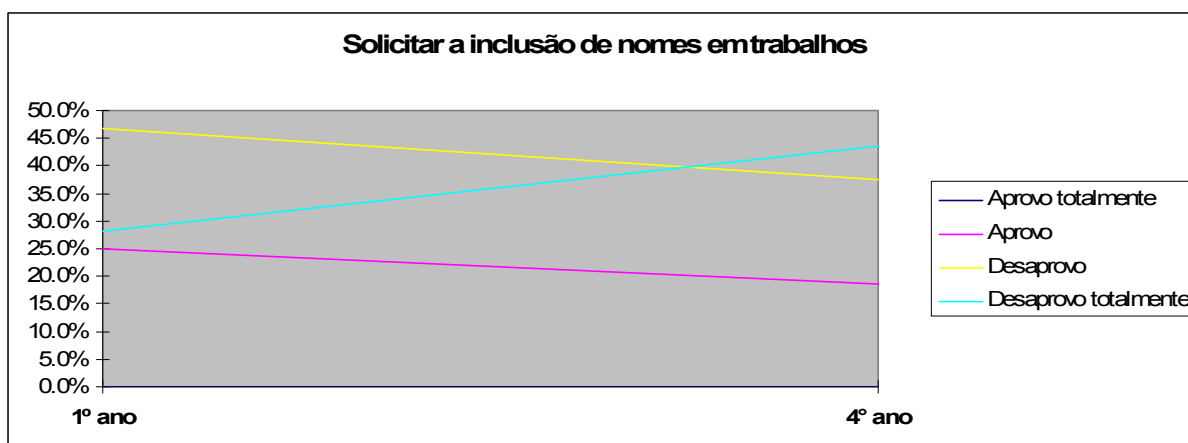


GRÁFICO 3 – SOLICITAÇÃO DA INCLUSÃO DE NOMES EM TRABALHOS

FONTE: O Autor (2009)

Até este ponto, os respondentes, estudantes do primeiro e quarto anos, foram solicitados a opinar sobre práticas consideradas antiéticas no universo acadêmico, no escopo do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. Na sequência serão analisadas respostas em que esses mesmos estudantes assinalam questões diretamente relacionadas às suas próprias atitudes.

Ao serem perguntados se desde que entraram na faculdade alguém lhes havia pedido “cola”, o gráfico 4 mostra que tanto os alunos entrantes quanto os concluintes na alternativa “sempre” obtiveram o mesmo percentual de respostas que foi de 6,3% do total dos respondentes, mas diferentemente das opiniões expostas no

gráfico 1 (sobre opiniões), a tendência do grau de desonestidade em relação a esta prática é aumentar, uma vez que o percentual dos alunos que nunca foram solicitados a dar cola no primeiro ano é de 31,3% contra 12,5% dos alunos do quarto ano e os que responderam que quase sempre foram solicitados a dar “cola” parte de 18,8% dos alunos do primeiro ano para 43,8% dos alunos do quarto ano. Analisando este cenário, pode-se deduzir que os alunos de primeiro ano são menos suscetíveis a essa prática porque, possivelmente, ainda não estão suficientemente entrosados com seus pares. Opostamente aos alunos do quarto ano que já estão organizados em grupos de afinidade gerando, assim, maior cumplicidade em suas atitudes. Conforme pesquisa realizada por Silva et al. (2006, p. 21), “[...] a cola é uma prática que ocorre entre estudantes que mantêm relações de amizade”.

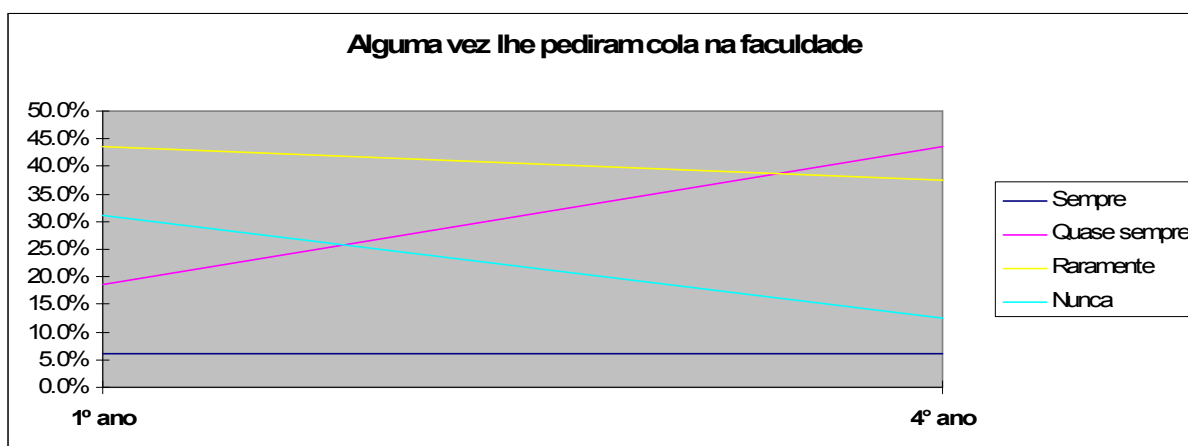


GRÁFICO 4 - RECEBIMENTO DE PEDIDO DE COLA
 FONTE: O Autor (2009)

Na questão sobre se alguma vez, desde que entraram na faculdade, pediram para colocarem seus nomes em trabalhos sem que tenham efetivamente contribuído para sua elaboração, o gráfico 5 ilustra claramente a tendência de que, com o passar dos anos, os alunos apresentam maior propensão ao uso dessa prática. Observando a linha da alternativa “sempre”, embora esta se mantenha estável, com o percentual de 12,5% para ambos os grupos pesquisados, a linha da alternativa “quase sempre” tem um aumento vertiginoso que parte de 15,6% no primeiro ano e alcança 68,8%, tendência que se confirma com a análise da alternativa “nunca” que passa de 15,6% nos respondentes de primeiro ano para 0% nos respondentes de quarto ano. Reforça-se aqui, mais uma vez, o que já foi visto na literatura: a hipótese da cumplicidade entre os alunos é fator fundamental para essa maneira de agir.

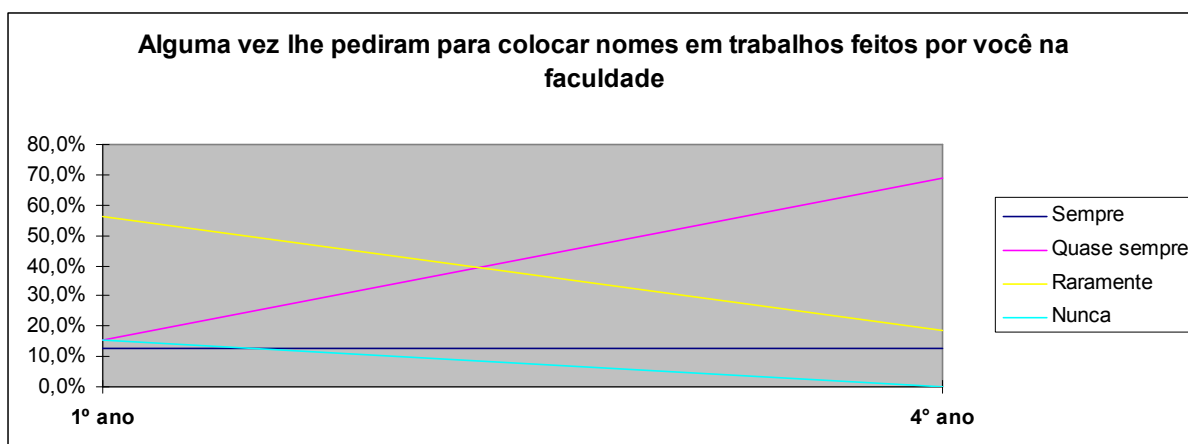


GRÁFICO 5 - PEDIDO DE INSERÇÃO DE NOME EM TRABALHO
 FONTE: O Autor (2009)

As respostas sobre a prática da “cola”, este talvez o principal problema enfrentado pelos professores em relação à ética dos estudantes, mostram que (conforme pode ser observado no gráfico 6) o percentual dos estudantes que nunca pediram cola na faculdade é de 50% independente de serem ingressantes ou concluintes, porém a linha do gráfico referente à alternativa “quase sempre” aponta que, em algum momento de sua vida acadêmica, esses estudantes se utilizaram dessa prática, embora em menor escala no caso dos estudantes de primeiro ano, cujo percentual é de 3,1% contra 6,3% dos de quarto ano, observando-se então um aumento significativo nos pedidos de cola.

A análise do questionário revela uma contradição, já que a maior parte dos alunos havia se manifestado favorável ao uso da cola.

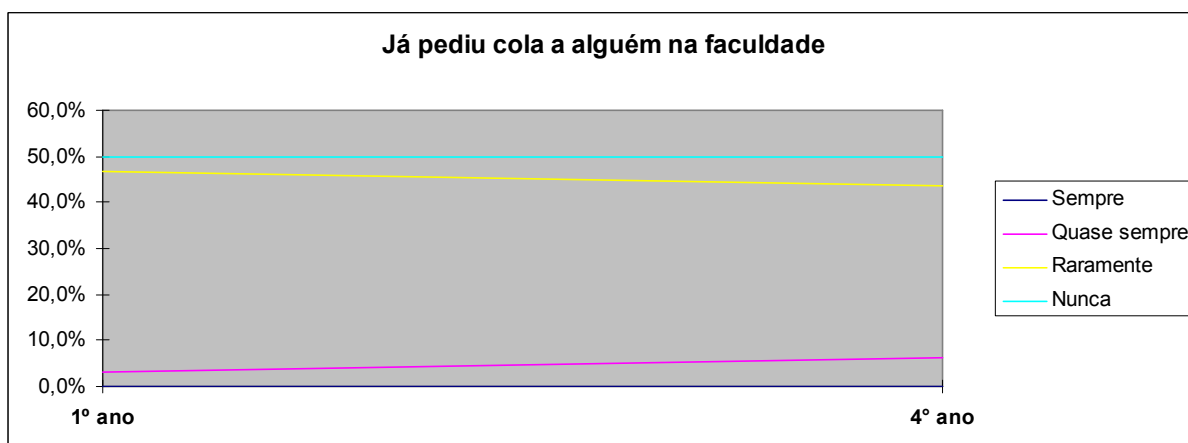


GRÁFICO 6 - PEDIDO DE COLA
 FONTE: O Autor (2009)

Ao analisar a questão sobre se alguma vez o estudante solicitou a inclusão de seu nome em trabalhos acadêmicos feitos por seus colegas de turma sem que tenha participado de sua construção, chama a atenção o fato de que 50% os alunos do primeiro ano responderam a alternativa “nunca” enquanto que esse percentual diminui para 43,8% entre os alunos de quarto ano na mesma alternativa, demonstrando que ao longo do tempo os alunos se tornam ligeiramente mais permissivos a essa prática conforme ilustra o gráfico 7, embora mais uma vez haja uma contradição entre a opinião e a prática.

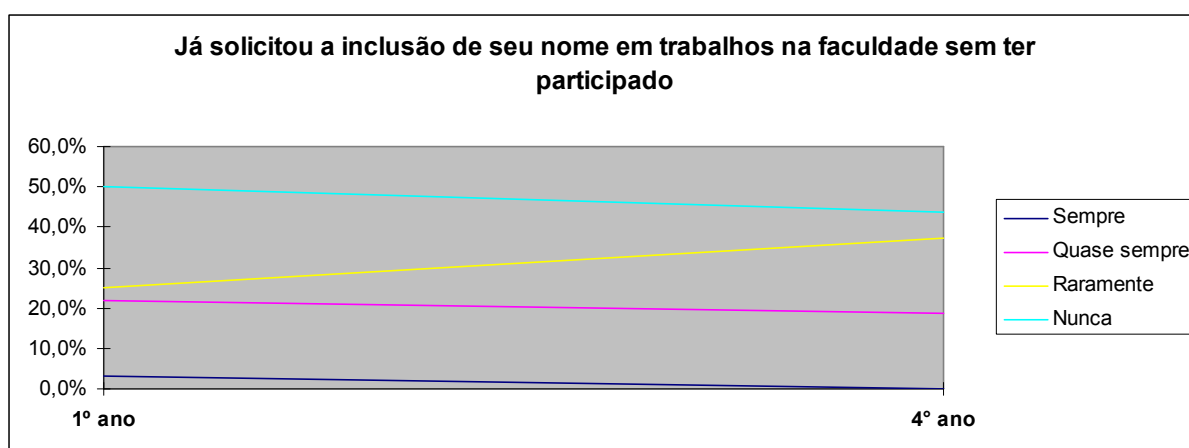


GRÁFICO 7 – INCLUSÃO DE NOME EM TRABALHOS DE OUTREM

FONTE: O Autor (2009)

Em relação à pergunta sobre se o estudante alguma vez teve conhecimento de que colegas seus se utilizaram de plágio para a elaboração de trabalhos acadêmicos, a alternativa “quase sempre” mostra um salto significativo, na proporção dos que tiveram esse conhecimento no decorrer do anos, passando de 18,8% no caso dos estudantes de primeiro ano para 31,3% no caso dos estudantes de quarto ano, conforme mostrado no gráfico 8.

A hipótese que emerge desse comparativo é de que ao longo dos anos os estudantes ganham segurança em falar abertamente sobre o assunto com seus pares, na convicção de que não sofrerão qualquer punição ou constrangimento.

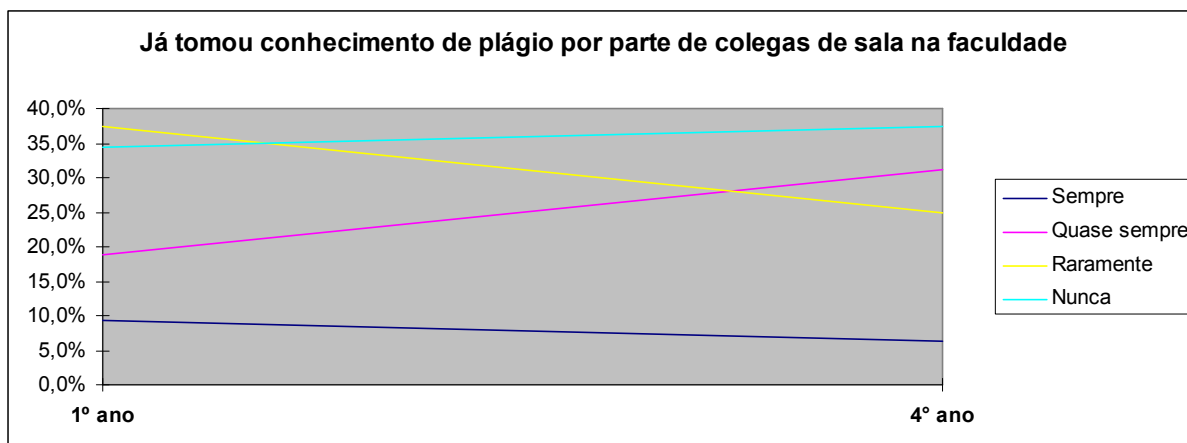


GRÁFICO 8 - CIÊNCIA DO USO DE PLÁGIO

FONTE: O Autor (2009)

Na questão sobre se alguma vez o estudante havia se utilizado de plágio para elaboração de seus trabalhos na faculdade, pode-se inferir, a partir da leitura do gráfico 9, que os alunos do quarto ano são mais contrários a essa prática. Nesse caso, o percentual daqueles que declaram nunca ter plagiado é de 62,5% para alunos do 4º ano e 53,1% para os do primeiro ano, o mesmo ocorre em relação alternativa “quase sempre”, em que os percentuais são de 0% para o quarto ano e 6,3% para o primeiro.

A partir desses dados e da literatura consultada, o pesquisador infere que os alunos do quarto ano são os que menos praticam o plágio por serem alertados todo o tempo sobre as implicações jurídicas e legais a esse respeito. Enquanto que os alunos do primeiro ano ainda não tiveram a oportunidade de refletir sobre os aspectos jurídicos inerentes e ao emprego de conceitos éticos relacionados à prática.

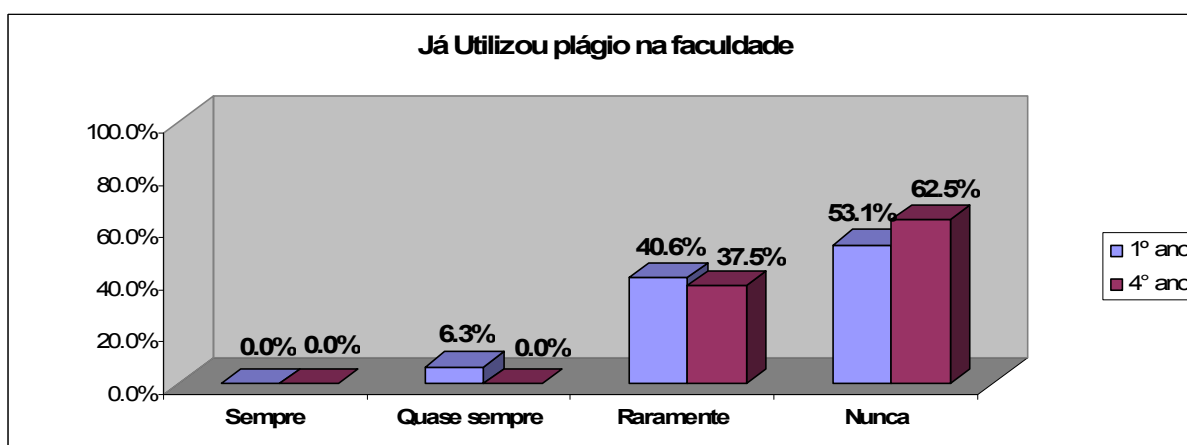


GRÁFICO 9 - USO DE PLÁGIO

FONTE: O Autor (2009)

Ao serem questionados se esses comportamentos cotidianos na universidade (cola, plágio, etc.) são expressões da ética do estudante a alternativa “concordo totalmente” foi escolhida por 6,3% dos alunos de primeiro ano e por 12,5% dos alunos de quarto ano. A alternativa “concordo” foi a opção de 46,9% dos respondentes do primeiro ano e 18,8% dos respondentes do quarto ano, enquanto “discordo” teve os percentuais de 34,4% e 37,5% para o primeiro e o quarto anos respectivamente. “Discordo totalmente” foi respondido por 12,5% dos alunos entrantes e por 31,3% dos alunos concluintes. Chama a atenção o fato de que os respondentes do primeiro ano foram mais favoráveis a essa afirmativa, se comparados aos do quarto ano, conforme ilustra o gráfico 10.

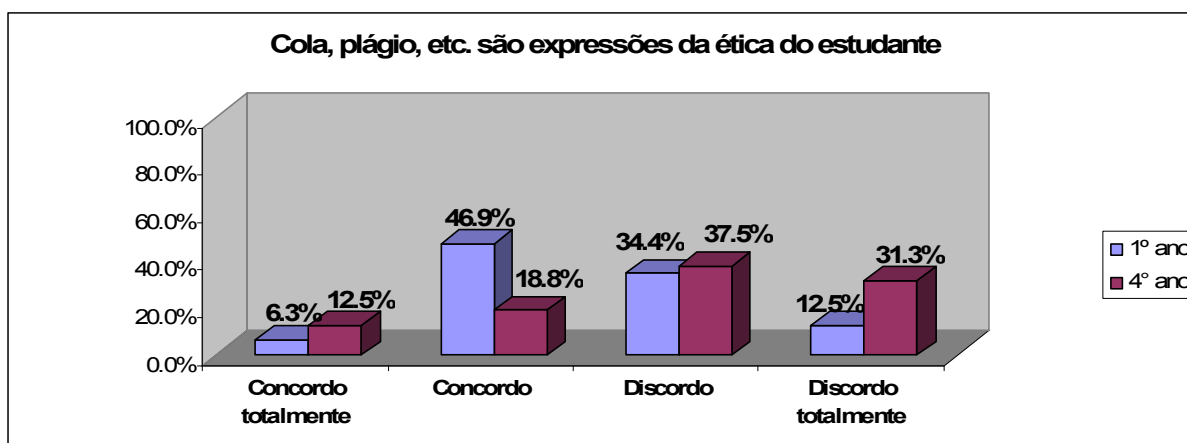


GRÁFICO 10 - EXPRESSÕES DA ÉTICA DO ESTUDANTE

FONTE: O Autor (2009)

Outro aspecto considerado importante foi verificar se esses comportamentos descritos como antiéticos na universidade são atos conscientes dos estudantes. Tanto os alunos do primeiro quanto os do quarto ano tiveram, em sua maioria, opinião favorável a essa afirmação, como se pode observar nas respostas “concordo totalmente” 34,4% para os respondentes do primeiro ano e 43,8% para os respondentes de quarto ano e nas respostas “concordo” que foram de 59,4% para os de primeiro ano e de 31,3% para os de quarto ano (ver gráfico 11).

Esse resultado configura a noção dos estudantes de que seus comportamentos refletem sua concepção e modo de relacionar com a ética.

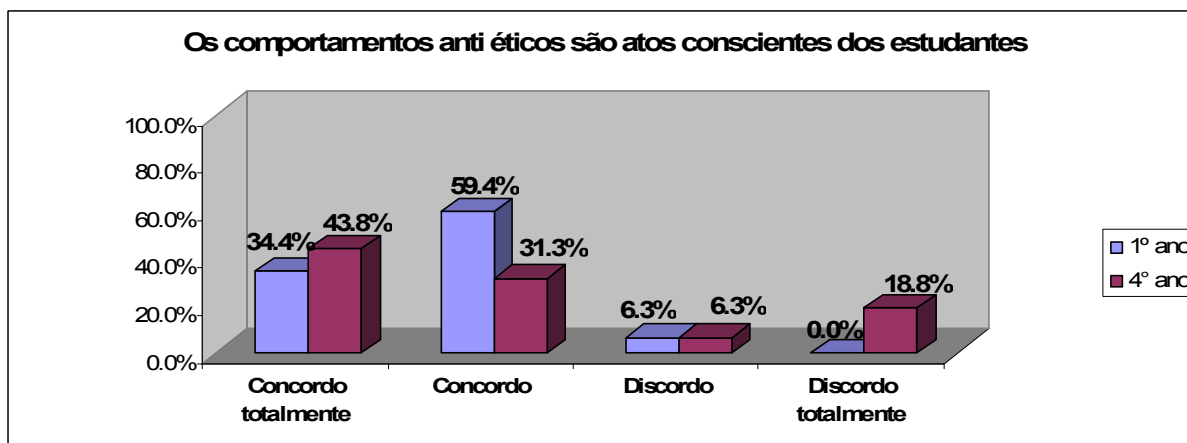


GRÁFICO 11 - CONSCIÊNCIA DE ATOS ANTIÉTICOS

FONTE: O Autor (2009)

O gráfico 12 mostra a opinião dos estudantes sobre a tendência de que esses comportamentos considerados antiéticos sejam reproduzidos na vida profissional (por analogia: colar em concursos, apropriar-se do trabalho alheio, assinar ponto por outro, reivindicar crédito a que não tem direito, fingir que trabalha).

Observa-se que a maior parte dos alunos do quarto ano têm consciência da possibilidade de que isso aconteça, enquanto no primeiro ano, a maioria dos alunos têm uma visão contrária, dissociando a vida acadêmica da profissional.

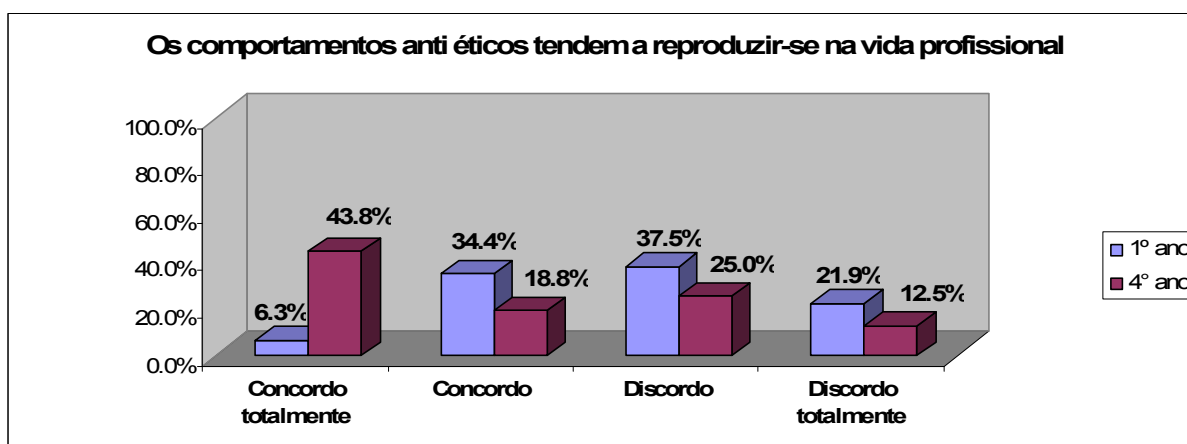


GRÁFICO 12 - COMPORTAMENTO ANTIÉTICO X VIDA PROFISSIONAL

FONTE: O Autor (2009)

Quando questionados se uma disciplina de Ética no curso contribuiria para, ao conscientizar os estudantes, reverter algumas dessas práticas, os alunos que mais se opuseram a essa idéia foram os concluintes.

Essa análise denota que os alunos ingressantes estão mais receptivos a terem em sua grade curricular a disciplina de ética como obrigatória, conforme afirmaram 53,2% desses alunos.

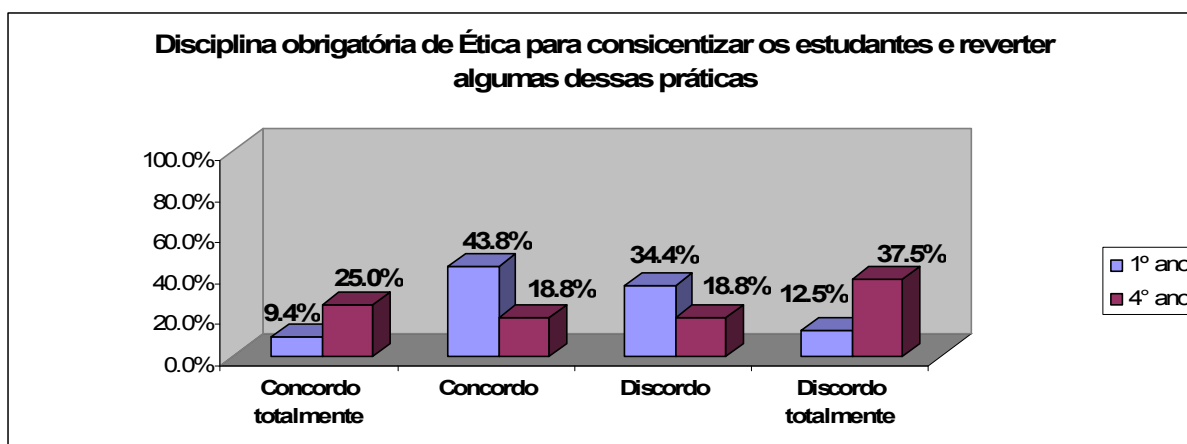


GRÁFICO 13 - DISCIPLINA OBRIGATÓRIA DE ÉTICA

FONTE: O Autor (2009)

A análise dos gráficos apresentados permite tecer algumas considerações sobre o comportamento ético dos estudantes:

- a) estudantes ingressantes e concluintes se diferenciaram minimamente em relação à opinião sobre a cola, a diferença mostrou-se mais claramente na alternativa “desaprovo totalmente” cujo percentual para os alunos do quarto ano foi 66,5% superior ao do primeiro ano.
- b) Quando agrupados conforme o sexo, percebeu-se que ambos os sexos desaprovam as atitudes consideradas antiéticas, com índice de desaprovação maior por parte do sexo masculino. Esse resultado diverge das pesquisas que apontam o sexo feminino como o mais honesto. Nesse caso deve-se considerar a hipótese de que os homens, de alguma forma, manipulam suas respostas.

O teste da variável idade foi considerado inadequado aos propósitos desta pesquisa uma vez que 95% dos respondentes pertencem a faixa etária entre 17 e 25 anos, o que torna a amostragem das demais faixas etárias insuficiente para uma análise confiável.

A partir de sua observação como estudante, o pesquisador acredita que, se houvesse quantidade suficiente de amostras, a preocupação com o emprego dos preceitos éticos na academia se mostraria maior entre as pessoas com idades superiores aos 25 anos, por dois motivos: a) os respondentes desse grupo, composto por de 5% do total da amostragem, afirmaram, unanimemente, não concordar com as atitudes identificadas como não-éticas. b) a experiência do pesquisador, como estudante do quarto ano, fornece sustentação empírica à idéia

de que pessoas com idades mais elevadas tendem a comportar-se de maneira ética na maioria de suas atitudes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, realizada com alunos do primeiro e quarto anos do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná, procurou identificar, ilustrar e analisar elementos da concepção e da práxis ética no contexto do referido Curso, notadamente os comportamentos antiéticos “cola”, “plágio”, descomprometimento evidenciado nas aulas, inclusão indevida de nomes em trabalhos, fatores associados ao comportamento acadêmico discente.

O estudo partiu do princípio de que o emprego da ética na academia é fator fundamental para a melhoria do aprendizado e a construção do caráter dos estudantes, que têm na convivência com seus pares, nas tarefas e provas realizadas uma oportunidade para refletir sobre seus comportamentos e compartilhar seus valores.

Os discentes participantes da pesquisa, mesmo aqueles com opinião contrária às práticas consideradas antiéticas, mostraram que, em algum ponto de sua trajetória universitária, se submeteram a elas, o que aponta um sentimento de impunidade por parte destes.

Nesta pesquisa foram identificados elementos que possibilitaram a avaliação da percepção dos estudantes em relação à ética na universidade. A não observância dos princípios éticos pode ser constatada nas respostas dadas por 26,3% da população pesquisada, quando afirmaram apoiar a prática de certos artifícios dissonantes com a filosofia acadêmica.

Na procura por comparar o grau ético entre os estudantes de primeiro e quarto anos, percebeu-se que há diferença entre o discurso e a prática, assim, esses últimos desaprovam as atitudes antiéticas em uma proporção 7,2% a maior em relação aos primeiros. Porém, no âmbito da prática, os estudantes do quarto ano revelam atitudes antiéticas em uma proporção 7,7% a maior que os alunos do primeiro ano.

Essas dicotomias reforçam a diferença existente entre os seus julgamentos e os seus comportamentos.

Mesmo reconhecendo que as obrigações éticas estão cada vez mais relacionadas com as novas exigências profissionais, os alunos ingressantes não se mostraram preocupados com suas atitudes, já que 59,4% não concordaram com a

idéia de que os comportamentos antiéticos se refletiriam em suas vidas pessoais e profissionais. Embora 53,2% deste grupo tenham se mostrado adeptos à idéia de uma disciplina de ética no curso de GI.

A visão inicial do autor, que esperava perceber quase extintas as práticas de cola, plágio e demais comportamento não-éticos no ambiente de estudos do quarto ano, do curso de Gestão da Informação, não se confirmou, tendo sido suplantada pelos resultados obtidos por meio desta pesquisa, na qual se evidenciou um índice de 65,7% do emprego de comportamentos contrários à ética acadêmica.

Os dados demonstram que, conforme afirmações feitas, dentre os estudantes do quarto ano 87,6% receberam pedidos de cola, 50% afirmaram ter pedido cola, 100% foram solicitados a colocar nomes de colegas em trabalhos sem que estes tenham efetivamente participado para sua elaboração, 56,3% solicitaram a inclusão de seus nomes sem ter participado, 62,6% souberam da utilização de plágio e ninguém afirmou ter utilizado plágio.

Esses resultados indicam que as respostas dadas nem sempre traduzem a realidade e que os estudantes não responderam com o grau de honestidade esperado, havendo, aparentemente, uma dificuldade em responder afirmativamente a prática de ações mal vistas pela sociedade. Há uma evidente contradição entre se ter conhecimento de uso de práticas antiéticas e a confissão de uso desses expedientes.

Outro dado importante que a pesquisa revelou mostra que as pessoas podem se envolver em práticas antiéticas ainda que não sejam favoráveis a elas. Nesse caso, é possível que estejam sujeitas a contingências especiais, como amizade, circunstâncias específicas relacionadas a determinadas disciplinas ou professores e às situações imprevistas.

Quando comparados os índices de uso de práticas antiéticas, percebe-se que o quarto ano apresenta uma taxa de 65,7% de aprovação enquanto no grupo de estudantes do primeiro ano essa taxa cai para 61%. Esse resultado apresenta três possíveis vertentes: a) os estudantes do primeiro ano são mais avessos às práticas antiéticas. b) Mais da metade dos estudantes em cada grupo compactuam com comportamentos antiéticos. c) ao longo do tempo, há uma contaminação negativa que leva os estudantes a aderir a um “código de ética” implícito em suas relações com seus pares, facilitando a cumplicidade entre eles.

Este trabalho reforça o entendimento de que o ensino da ética nos cursos de graduação, em particular no de Gestão da Informação, deve ter como objetivo formar profissionais que conheçam e saibam utilizar os fundamentos e os princípios éticos, de modo a se tornarem pessoas capazes de tomar decisões que envolvam aspectos morais com autonomia e com respeito à pessoa.

Enfim, espera-se que, com este trabalho, as situações aqui discutidas representem uma contribuição ao curso de Gestão da Informação, quer para os estudantes repensarem suas atitudes, quer para a instituição ponderar suas atuais estratégias de ensino e mesmo os conteúdos das disciplinas. É importante que todos os envolvidos reflitam, de forma efetiva, sobre seus atos, visando um salto em qualidade no que diz respeito aos profissionais que irão se formar e, especialmente, nas relações entre estudantes, docentes e sociedade.

Sugere-se que este levantamento seja ampliado em estudos futuros de forma a incluir o comportamento, não só dos alunos de Gestão da Informação, mas também de todo o corpo discente da Universidade Federal do Paraná para, dessa maneira, catalogar informações que culminem na construção de um código de ética a ser seguido por todos.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, F. J. **A ética nas empresas**: maximizando resultados através de uma conduta ética nos negócios. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1996.

ARRUDA, M. C. C. de; RAMOS, J. M. R.; WHITAKER, M. C. **Fundamentos de ética empresarial e econômica**. São Paulo: Atlas, 2001.

BAKER, R. K. et al. Student attitudes on academic integrity violations. **Journal of College Teaching & Learning**, Colorado, v. 5, n. 1, p. 5-13, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.cluteinstitute-onlinejournals.com/PDFs/348.pdf>>. Acesso em: 23/4/2009.

BUFREM, L. *et al.* Ética e formação profissional: uma leitura da produção científica em Ciência da Informação (1970-2006). **Transinformação**. Campinas. v. 20, n. 3, p. 225-232, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=220>>. Acesso em: 31/5/2009.

CASTRO, A. L. S. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro. v. 6, n. 2 abr. 2005. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr05/Art_02.htm>. Acesso em 29/4/2009.

DIAS, M. O caminho do ensino superior no Brasil. **SBPC: Jornal da Ciência**. Rio de Janeiro. v. 23, n. 645. ago. 2005. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=30248>>. Acesso em: 29/5/2009.

DUPAS, G. Tensões contemporâneas entre público e privado. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo. v. 35, n. 124, p. 33-42, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n124/a0335124.pdf>>. Acesso em: 03/6/2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JACOMINO, D. Você é um profissional ético? **Revista Você S.A.**, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 28-36, jul.2000.

McCABE, D. L., TREVIÑO, L. K. Academic dishonesty: honor codes and other contextual influences. **Journal of Higher Education**, Ohio, v. 64, p. 522–538, jan./fev. 1993.

MARCIANO, J. L. P. **Segurança da informação**: uma abordagem social. 212 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2006. Disponível em: < http://www.enancib.ppgci.ufba.br/premio/UnB_Marciano.pdf>. Acesso em: 3/6/2009.

MORAES, R. O plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. **Diálogos Possíveis: Revista da Faculdade Social da Bahia**, Salvador. v.3, n. 1, p. 91-109, Jan./Jun. 2004. Disponível em: < <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/4/06.pdf>>. Acesso em: 2/6/2009.

MOTTA, N. S. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições, 1984.

NALINI, Jose Renato. **Ética geral e profissional**. 5. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

NASH, L. L. **Ética nas empresas**. São Paulo: Makron Books, 1993.

OLIVEIRA, J. P. M. **Plágio eletrônico e ética**. Porto Alegre. Dez. 2005. Disponível em: < <http://palazzo.pro.br/cronicas/005.htm>>. Acesso em 5/5/2009.

SÁ, A. L. **Ética profissional**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, G. A. et al. Um estudo sobre a prática da cola entre universitários. **Psicologia: Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 18-24. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n1/31288.pdf>>. Acesso em: 1/6/2009.

SILVA, T. M.; SPERONI, V. Os princípios éticos e a ética profissional. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, v. 27, n. 113, p. 77-79, set/out.1998.

TARGINO, M. G. L. **Olhares e fragmentos**: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação. Teresina: EDUFPI, 2006.

VALLS, A. L. M. **O que é ética**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 18.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

WANDERLEY, L. E. W. Ética e universidade. **Revista PUCVIVA**, São Paulo. n. 27, p. 62-66, jul./dez. 2006. Disponível em:< http://www.apropucsp.org.br/revista/revista_27.pdf>. Acesso em: 25/5/2009.

WEIL, Pierre. **A nova ética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



Este questionário tem como objetivo auxiliar na coleta de informações no que diz respeito aos comportamentos e às atitudes em relação à ética acadêmica dos alunos do 1º e 4º anos do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. A sua participação neste estudo será voluntária e anônima.

Por favor, responda às perguntas que se seguem tendo em conta a sua experiência pessoal, a vivência de determinadas situações e as consequências que delas advieram.

Todos os dados recolhidos serão tratados com confidencialidade e utilizados apenas para fins acadêmicos. A sua colaboração é de extrema importância para o prosseguimento e êxito deste trabalho.

Grato,

Wilson de Souza Rodrigues

Graduando em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná.

Questionário

Faixa etária:

- a) 17 a 25
- b) 26 a 35
- c) 36 a 45
- d) Acima de 46

Semestre:

Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino

- 1) Por que escolheu o curso de Gestão da Informação da UFPR?
- 2) Qual foi a sua forma de ingresso no curso?
- 3) Já concluiu algum curso superior? Se a resposta for sim, qual?
- 4) Exerce algum tipo de atividade remunerada (trabalho/estágio etc.)?
- 5) Em relação à ética acadêmica, qual a sua opinião sobre a utilização da “cola” pelos estudantes com o intuito de conseguir aprovação nas disciplinas com o menor esforço?
 - (1) Aprovo totalmente
 - (2) Aprovo
 - (3) Desaprovo
 - (4) Desaprovo totalmente
- 6) Em relação à ética acadêmica, qual a sua opinião sobre o plágio praticado por alguns estudantes na elaboração dos trabalhos solicitados pelos professores?
 - (1) Aprovo totalmente
 - (2) Aprovo
 - (3) Desaprovo
 - (4) Desaprovo totalmente
- 7) Em relação à ética acadêmica, qual a sua opinião no que se refere ao uso do aparelho celular, seja em envio de torpedos, atendimento ou mesmo realização de ligações na sala de aula?
 - (1) Aprovo totalmente
 - (2) Aprovo
 - (3) Desaprovo
 - (4) Desaprovo totalmente
- 8) Em relação à ética acadêmica, qual a sua opinião sobre responder/assinar a chamada por um colega ausente?
 - (1) Aprovo totalmente
 - (2) Aprovo
 - (3) Desaprovo
 - (4) Desaprovo totalmente

9) Em relação à ética acadêmica, qual a sua opinião no que diz respeito ao comportamento de alguns alunos solicitarem a inclusão de seus nomes nos trabalhos em grupo sem que efetivamente tenham contribuído para a sua elaboração?

- (1) Aprovo totalmente
- (2) Aprovo
- (3) Desaprovo
- (4) Desaprovo totalmente

10) Desde que entrou na faculdade, alguma vez lhe pediram cola?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

11) Desde que entrou na faculdade alguma vez lhe pediram para colocarem o nome em trabalhos feitos por você sem que tenham efetivamente contribuído para a sua elaboração?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

12) Desde que entrou na universidade, você alguma vez pediu cola a alguém?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

13) Desde que entrou na universidade, você alguma vez solicitou a inclusão de seu nome em trabalhos acadêmicos de seus colegas se que tenha contribuído efetivamente para sua elaboração?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

14)Alguma vez tomou conhecimento de que colegas seus se utilizaram de plágio para a elaboração de trabalhos acadêmicos?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

15)Alguma vez você se utilizou de plágio para a elaboração de trabalhos acadêmicos?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) Raramente
- (4) Nunca

16)Esses comportamentos cotidianos na Universidade (cola, plágio etc.) são expressões da ética do estudante.

- (1) Concordo totalmente
- (2) Concordo
- (3) Discordo
- (4) Discordo totalmente

17)Esses comportamentos cotidianos na Universidade são atos conscientes dos estudantes.

- (1) Concordo totalmente
- (2) Concordo
- (3) Discordo
- (4) Discordo totalmente

18)Esses comportamentos do estudante tendem a reproduzir-se na vida profissional (por analogia: colar em concursos, apropriar-se do trabalho alheio, assinar o ponto por outro, reivindicar crédito a que não tem direito, fingir que trabalha).

- (1) Concordo totalmente
- (2) Concordo
- (3) Discordo
- (4) Discordo totalmente

19) Uma disciplina obrigatória de Ética no Curso contribuiria para, ao conscientizar os estudantes, reverter algumas dessas práticas.

- (1) Concordo totalmente
- (2) Concordo
- (3) Discordo
- (4) Discordo totalmente